

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

EDENILSON TONDO DA SILVA

A INFÂNCIA NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2021

EDENILSON TONDO DA SILVA

A INFÂNCIA NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Pato Branco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi

PATO BRANCO

2021



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **EDENILSON TONDO DA SILVA**
Título: **A INFÂNCIA NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de conclusão de curso defendido e **APROVADO** em 20/08/2021, pela comissão julgadora:

Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi - UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Franciele Clara Peloso – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Obs: O aluno deverá encaminhar, no prazo de **5 (cinco) dias úteis** a contar da data da defesa, **exemplar definitivo do TCC**, para arquivamento, conforme as normas definidas pelo Regulamento do Curso e normativa da Biblioteca da UTFPR.

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a M.^a Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso

OBS.: A FOLHA DE ASSINATURA ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO, COM AS DEVIDAS ASSINATURAS.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, pela oportunidade e suporte durante toda a graduação.

À professora e orientadora Ma. Rosangela Aparecida Marquezi pelos ensinamentos e apoio, e principalmente por ter me guiado na realização deste trabalho.

Aos professores da banca, Marcos Hidemi Lima e Franciele Clara Peloso, por se disponibilizarem e participarem do processo de fechamento e aprimoramento deste trabalho.

Agradeço por fim aos meus familiares, especialmente Marlei Castro Tondo, pelo apoio ao longo do curso e a Martha Menin que não me deixou desistir.

O mar vagueia onduloso sob os meus
pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

SILVA, Edenilson. **A infância nos contos de Conceição Evaristo**. 2021. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2021.

A percepção da infância sofreu alterações significativas com o decorrer dos anos e tal processo pode ser observado por meio da literatura. Com isso em foco, o presente trabalho baseia-se na análise dos contos "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", "Di Lixão" e "Lumbiá" do livro *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo e visa observar como os contos retratados na narrativa ficcional da autora revelam a fragilidade das relações familiares e sociais e a necessidade de um olhar crítico sobre os direitos da criança na sociedade contemporânea. A análise foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, pautada no estudo de teóricos e estudiosos dos assuntos abordados, tais como Philippe Ariès (1981), David Brookshaw (1983), Zilar Bernd (1988), Dejair Dionísio (2013) e de Eduardo de Assis Duarte (2011). No primeiro conto "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", a violência urbana é o foco principal da análise, pois a personagem Zaíta é vítima de uma bala perdida durante um tiroteio de gangues rivais na favela onde vive. Já o conto "Di Lixão" é sobre um menino de rua e retrata a condição de vulnerabilidade social dessa personagem. No terceiro conto, "Lumbiá", o destaque é a exploração do trabalho infantil. Por meio das análises, pôde-se observar que na literatura ficcional de Conceição Evaristo a criança tem um papel fundamental. Zaíta, Di Lixão e Lumbiá representam a condição de milhões de crianças pobres e marginalizadas, numa sociedade excludente e racista.

Palavras-Chave: Vulnerabilidade social. Conceição Evaristo. Olhos d'Água. Literatura Afro-Brasileira.

ABSTRACT

SILVA, Edenilson. **Childhood in the tales of Conceição Evaristo**. 2021. 49 p. Concluding Course Paper – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2021.

The perception of childhood has undergone significant changes over the years, this process can also be observed in the literature. The present work is based on the analysis of the tales "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", "Di Lixão" and "Lumbiá" from the book *Olhos D'Água* by Conceição Evaristo and aims to observe how the stories portrayed in the author's fictional narrative reveal the fragility of family and social relationships and the need for a critical look at the rights of children in contemporary society. The analysis was carried out through bibliographical research, based on the study of theorists and scholars of the topics covered, such as Philippe Ariès (1981), David Brookshaw (1983), Zilar Bernd (1988), Dejair Dionísio (2013) and Eduardo de Assis Duarte (2011). In the first story "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos" urban violence is the main focus of the analysis, as the character Zaíta is the victim of a stray bullet during a shootout by rival gangs in the favela where she lives. The analysis of the story 'Di Lixão', about a street boy, marks the character's condition of social vulnerability. In the third story, "Lumbiá", the highlight is the exploitation of child labor. Through the analysis, it is concluded that, in Conceição Evaristo's fictional literature, the child enables the visibility of subjects previously considered less important. Zaíta, Di Lixão and Lumbiá represent the condition of millions of poor and marginalized children in an exclusionary society.

Keywords: Social vulnerability. Conceição Evaristo. Olhos d'Água. Literature Afro-Brazilian.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 SOBRE INFÂNCIA E SUAS CONCEPÇÕES	11
1.1 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS ACERCA DA INFÂNCIA	11
1.1.1 História da Criança no Brasil	15
1.1.2 História da Criança Negra no Brasil	17
1.2 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA.....	19
2 SOBRE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E CONCEIÇÃO EVARISTO	22
2.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES	22
2.2 CONCEIÇÃO EVARISTO	26
2.2.2 Características da Escrivência de Conceição Evaristo	29
3.1 <i>OLHOS D'ÁGUA</i> : A TEMÁTICA DA OBRA E DOS CONTOS ANALISADOS	33
3.2 “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”: A VIOLÊNCIA URBANA	34
3.3 “DI LIXÃO”: SEU LAR É A RUA	37
3.4 “LUMBIÁ”: O DEUS-MENINO	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

A criança como protagonista da literatura brasileira é o foco deste trabalho de conclusão de curso. Esse elemento de estudo é farto no livro *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo que traz contos que foram originalmente publicados na série *Cadernos Negros* e que abordam diversas temáticas interligadas com personagens negras quem vivem em favelas e ruas, dando voz a muitos brasileiros vítimas da pobreza, do preconceito e da violência urbana.

Na obra da escritora estão presentes muitas personagens. São mães, filhos, avós, homens, mulheres e crianças que enfrentam as duras condições. O objeto de análise deste trabalho são os contos: "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", "Di Lixão" e "Lumbiá", protagonizados por crianças, meninos e meninas vítimas de balas perdidas, de abandono e de exploração do trabalho infantil.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo observar como os contos retratados na narrativa ficcional de Conceição Evaristo revelam a condição de vulnerabilidade social, a fragilidade das relações familiares e a necessidade de um olhar crítico sobre as condições da criança na sociedade contemporânea, bem como reconhecer a criança como protagonista da sua própria história, mesmo que muitas vezes marcada pela trajetória cruel ou pelo desfecho trágico e precoce.

A motivação para a escolha do tema ocorreu devido à percepção da violência estrutural contra crianças e as possíveis relações históricas e sociais, pois esse é um cenário que se construiu ao longo dos anos, por meio da reprodução de violência e desatenção com a infância através das gerações, perpetuando assim a "invisibilidade" da criança como ser social. Essa invisibilidade traz consequências como a não percepção do quão problemáticas sociais, como violência e pobreza, afetam as crianças da sociedade expostas a essas mazelas.

Por ser um processo histórico pode ser analisado por meio de dados, mas também por meio da literatura e da representação da infância nos textos, desse modo destaca-se a relevância das análises literárias na investigação e apreensão da temática. Ademais, justifica-se esta pesquisa, pois pode auxiliar na sensibilização de licenciados e educadores sobre a relevância de seu papel na reflexão e discussão social sobre o tema e conseqüentemente na atuação para a erradicação dos fatores que deixam crianças em situações vulneráveis e afetam sua saúde, desenvolvimento e bem-estar.

Os contos selecionados para análise apresentam personagens em situação de vulnerabilidade social. São crianças que vivem nas ruas como o órfão, Di Lixão; a personagem Záita e sua irmã gêmea que precisam ficar sozinhas, enquanto a mãe trabalha; e a personagem de Lumbiá, que precisa trabalhar para colaborar no sustento familiar.

O método a ser empregado nesta investigação é o de pesquisa bibliográfica, pautada no estudo de teóricos e estudiosos dos assuntos abordados. Com base nesse método e para fundamentar a análise dos contos selecionados, no primeiro capítulo desta pesquisa foram abordadas algumas concepções históricas acerca da infância, com base nos livros *História social da criança e da família* de Philippe Ariès (1981) e *História da criança no Brasil* de Mary Del Priore (2020), além de trazer um olhar breve sobre a história da criança negra no Brasil a partir dos olhares dos autores Renato Janine Ribeiro (1997), Heloísa Rodrigues Fernandes (1997) e Moysés Kuhlmann Jr. (2010). Os conceitos de criança e de infância também são abordados neste capítulo.

No segundo capítulo foram elencados conceitos e definições sobre a literatura negra e literatura afro-brasileira, baseados nas pesquisas de David Brookshaw (1983), Zila Bernd (1988), Dejair Dionísio (2013) e de Eduardo de Assis Duarte (2011). O capítulo também aborda uma pesquisa bibliográfica sobre a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, sua biografia e obra, bem como as características da escrita da autora, baseando-se em autores como Antônio Candido (2006), Duarte (2011), entre outros.

No último capítulo do trabalho, além de um breve resumo de cada um dos contos selecionados para esta pesquisa, apresenta-se uma análise deles, com foco nas temáticas relacionadas à vulnerabilidade social. No conto “Záita esqueceu de guardar os brinquedos”, a morte por bala perdida evidencia a violência urbana nas regiões periféricas das grandes cidades; em “Lumbiá”, a exploração do trabalho infantil obriga as crianças a deixarem a escola para ajudar no sustento familiar; em “Di Lixão”, a denuncia da situação de risco dos meninos e meninas de rua.

1 SOBRE INFÂNCIA E SUAS CONCEPÇÕES

Neste primeiro capítulo serão abordados algumas das concepções e definições de infância e suas nuances a partir de pesquisas e análises históricas sobre a forma como as crianças eram vistas desde a Idade Média até a contemporaneidade, trazendo algumas perspectivas sobre a representação, as interações e a família das crianças no Brasil. Além disso, sobre a criança negra, serão abordados detalhes históricos sobre a criança negra e a formação de sua identidade, bem como sua trajetória ligada ao trabalho infantil.

1.1 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS ACERCA DA INFÂNCIA

O tema “infância” sofreu muitas intervenções nas mãos de diversos autores ao longo dos anos, em decorrência de uma abordagem social e histórica da criança e da família. Ariès (1981)¹, em seu livro *História Social da Criança e da Família*, aborda, no prefácio, o desinteresse pela definição de infância na Idade Média, visto que, “De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em um homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude” (1981, p. 10). Essa negligência da fase inicial da criança se apresentou problemática devido ao excesso de exposição à vida adulta que ela sofria desde cedo. As crianças eram encaradas como um fardo pelos adultos responsáveis, pois estes tinham a exigente tarefa de cuidá-los, alimentá-los e educá-los para a convivência em sociedade.

Fato esse que, em tese, durante os períodos medieval e moderno, traria uma certa indiferença dos pais em relação à infância de sua prole. Presume-se que os pais sentiam ser pouco viável investir tempo e esforço em crianças com alta taxa de mortalidade infantil. Conforme Ariès (1981, p. 10),

[...] um sentimento superficial da criança - a que chamei de 'paparicação' - era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como que com um animalzinho, um macaquinho impudico.

¹ A concepção de Ariès, apesar de ser considerada por pesquisadores uma concepção relativista que apresenta a infância como algo linear e um modelo universal de crianças baseada nos centros europeus, foi trazida a este trabalho devido à sua relevância histórica.

Percebe-se que as crianças eram vistas apenas para divertir e distrair os adultos em seus momentos de lazer durante as primeiras fases de sua vida. Nesse sentido, quando atingiam mais idade, eram vistas diferentes dos adultos unicamente em proporções de tamanho e força, sendo comparadas a um anão, que foi uma figura importante na tipologia da Idade Média (ARIÈS, 1981).

Rousseau em suas pesquisas considerava que a infância existia durante o período de ausência da idade da razão, compreendendo assim a criança como alguém que não é e não está sendo. Além disso, o filósofo defendia a infância como um estado físico e como a essência dos princípios da vida humana (ROSSEAU, 1999 *in* PELOSO, 2015).

Nessa mesma linha, Castello e Márcico (2006 *in* PELOSO, 2015) denotam que a concepção de infância dá sentido à ausência e à incapacidade, pois seus prefixos privativos “*in*” e “*far*” significam a incapacidade de falar, demonstrando assim que desde a origem da palavra houve a associação com a falta de algo, apresentando as crianças como seres incompletos.

Durante o século XVII, houve altos índices de morte de crianças, um “infanticídio tolerado” por parte da sociedade, pois “[...] a vida da criança era então considerada com a mesma ambiguidade com que hoje se considera a do feto, com a diferença de que o infanticídio era abafado no silêncio” (ARIÈS, 1981). Nessa época, a Igreja e o Estado já repudiavam essas práticas que se tornavam cada vez mais comuns. O infanticídio ocorria devido à mortalidade infantil ser considerada como um fato natural. Muitas crianças morriam devido às difíceis condições de higiene e saúde. A mortalidade infantil era também camuflada em forma de acidentes, pois se acreditava que a criança pequena não tinha alma e, portanto, fazia parte das coisas moralmente neutras.

Em uma análise sobre o poder da infantilização, Ribeiro (1997) propõe uma reflexão a respeito de algumas figuras importantes dos séculos XVII e XVIII, mostrando como essas se comportavam perante as crianças e sua fase da infância.

Até o século XVII, com efeito, o amor aos filhos não era coisa óbvia: basta lembrar o renascentista Montaigne, que diz ter perdido “duas ou três crianças” em tenra idade. Um pai assim podia nem mesmo recordar quantos filhos teve; e notemos que se trata, não de natimortos, mas de crianças que viveram um, dois ou três anos. Os pequenos então oscilam entre o mundo dos animais e o dos adultos. (RIBEIRO, 1997, p. 102).

Há, portanto, uma confirmação de que havia descaso com as crianças que viveram naquela época. A imagem dos pais em relação a elas era vista como a de um governante, sendo eles os superiores que teriam a tarefa de tutela não só com a criança, mas também com a esposa. Apesar disso, de acordo com Ariès (1981), nessa mesma época, os pais começaram a ser severamente influenciados por reformadores que eram em sua maioria membros da Igreja. Portanto, a representação da criança, principalmente nas famílias, passou a ser mais ativa.

Com o aumento de popularidade das cortes, algumas pinturas passaram a representar a infância como “idade dos brinquedos” e “idade da escola” (ARIÈS, 1981, p. 11). Não havia uma limitação da infância até a puberdade, pois a ideia desse conceito remetia-se ao grau de dependência de um indivíduo, sendo possível sair dessa fase apenas atingindo a independência completa da família ou em graus inferiores.

Com o advento da escola moderna, a família passa a ter uma função moral e espiritual e a responsabilidade de preparar os filhos para a vida adulta passa para a escola, sendo sua função discipliná-los. Desse modo, a criança agora recebe educação. Surge então, uma preocupação inteiramente nova: os estudos dos filhos. Em razão disso, a família começa a se organizar em torno dos filhos e a lhes dar maior importância, tirando-os do anonimato. Agora, torna-se penoso perdê-los pois para formar uma criança necessita-se comprometimento. Para isso tornou-se necessário reduzir a prole para melhor cuidar dela. (ARIÈS, 1981). Esse cenário de valorização da criança passou a ser do interesse de pesquisadores preocupados com o impacto social da criança e do cuidado com seu período infantil não só no ambiente familiar, mas também nas escolas.

A professora Heloísa Rodrigues Fernandes (1997) constrói um termo chamado de “Quarto Mundo”, que é onde vivem as crianças sem infância e que foram obrigadas desde muito cedo a possuírem uma postura adulta frente à realidade. É nesse termo que se encaixam as crianças que Ariès (1981) descreve em seu livro: muitas vezes negligenciadas por seus pais e, por consequência, acabavam adoecendo ou morrendo devido às pobres circunstâncias de vida e duro esforço de trabalho. A autora defende que a escola foi uma das melhores invenções da modernidade. Segundo ela, “[...] lugar de infância é na escola” (FERNANDES, 1997, p. 61).

Nota-se, então, que em decorrência da aproximação das instituições públicas de ensino e as famílias das crianças, houve transformações no âmbito histórico. Kuhlmann Jr. (2010, p. 17), em seu livro *Infância e Educação Infantil*, comenta que:

[...] há dois grandes setores da história da infância, compostos pela história social da infância – que estuda as suas condições de vida, as instituições, as práticas de controle, a família, a escola, a alimentação, os jogos, a vida material e social –, e o segundo, envolvendo os aspectos mais diretamente ligados ao imaginário, que trata de colher as mutações que intervêm na história das mentalidades em relação ao fenômeno infância.

Portanto, as bases para a formação da infância de uma criança estão diretamente relacionadas à família; sua criação e seu desenvolvimento de comportamento; seus aspectos cognitivos e imaginários, que entram em ação em conjunto com suas interações interpessoais; e a influência sofrida no ambiente escolar, geralmente se concretizando em brincadeiras e formas lúdicas de aprendizagem.

Essas bases, principalmente às ligadas à família da criança são questionadas por De Mause, que vê as mudanças de uma perspectiva “[...] psicogenética na personalidade ocorridas a partir de sucessivas gerações de interações entre pais e filhos” (KUHLMANN JR., 2010, p. 19, tradução do autor). Desse modo, a evolução das relações entre pais e filhos aconteceu em virtude de uma aproximação por parte dos pais à forma com que as crianças pensam, conseguindo assim uma melhor conexão com o imaginário de seus filhos e entendendo melhor sobre como lidar com os comportamentos e modos de pensar da criança.

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. (KUHLMANN JR., 2010, p. 30).

A realidade das crianças era (e ainda é) representada e escrita por adultos. O imaginário delas é fértil fonte para o desenvolvimento de uma visão de mundo diferente de acordo com as experiências que têm nos diferentes âmbitos sociais e com as variações de comportamento, conforme suas interações. A autora e professora Maria Cristina Gouvêa (2000) comenta, em um artigo publicado pela *Revista Teias*, que a infância, a partir do discurso científico,

[...] é associada à expressão dos afetos e sentimentos, expressão esta que passa a ser valorizada no código de comportamentos sociais. Tais valores, ao serem dignificados no pensamento moderno, conferem à infância um novo significado. (GOUVÊA, 2000, p. 4).

Esse novo significado ganha sentido no ambiente de aproximação dos pais com seus filhos, em que o afeto passa a ter um papel maior no sentido da educação das crianças, afetando diretamente seus comportamentos interpessoais com a comunidade escolar.

1.1.1 História da Criança no Brasil

As crianças brasileiras mostram-se presentes em praticamente todos os ambientes da sociedade. Del Priore (2020) comenta que ainda hoje as crianças são encaradas como presenças caladas, incapazes de se expressar de modo com que os adultos possam entendê-las. Dessa forma, muitas de suas dificuldades também são omitidas, a não ser que sejam expostas a olho nu, como crianças em situação de rua; precariedades no ambiente familiar e maus-tratos; vícios nocivos, entre outros.

Sabe-se que as crianças, assim como qualquer indivíduo adulto, são frutos de seu tempo e experiências ao longo das fases de sua vida, tornando únicas as suas existências. Quando se voltam os olhos para o Brasil na época dos jesuítas e da dominação do Império Colonial Português, observa-se que a relação das crianças com seus responsáveis era totalmente diferente. Mary Del Priore (2020), em seu livro *História das crianças no Brasil*, reúne vários autores para abordar a temática das crianças brasileiras desde os períodos de navegação marítima até o processo de escravização infantil. Entretanto, o enfoque deste subcapítulo será a partir de pesquisas realizadas sobre a época em que os jesuítas interagiram com as crianças no período de colonização.

No Brasil quinhentista, os laços entre as crianças e os catequizadores da Companhia de Jesus foram muito estreitos. O aprendizado por meio da religião católica, com leituras da bíblia, rezas e cânticos foi o cotidiano das crianças que conviveram com os jesuítas da época. "Muito embora a Companhia de Jesus houvesse nascido, na primeira metade do século XVI, como ordem essencialmente missionária, aos poucos foi também se transformando em uma "ordem docente"

(CHAMBOULEYRON, 2020, p. 56). Este estado de docência da companhia explica-se devido ao método que os jesuítas alfabetizavam na época colonial. As crianças eram as preferidas para a catequização, uma vez que alguns padres da época as consideravam como uma “folha em branco”, podendo ser preenchidas com a doutrina cristã e os costumes que a religião prezava.

A importância que desde cedo assumiu o ensino dos meninos ensejou a organização de uma estrutura que permite viabilizar o aprendizado e, conseqüentemente, a catequese das crianças indígenas e dos filhos de portugueses. (CHAMBOULEYRON, 2020 p. 72)

Durante quase todo o período em que os jesuítas atuaram na região do Brasil, as crianças nativas e negras tiveram contato com as crianças que vieram da Europa nas embarcações portuguesas. Entretanto, as que pertenceram à elite durante o império foram descritas como sendo as mais agitadas e terríveis no âmbito escolar. Ana Maria Mauad (2020) menciona que os tutores europeus não conseguiam controlar suas turmas, principalmente seu comportamento espontâneo. Entre professores e viajantes, alguns afirmaram que “[...] uma criança brasileira é pior que mosquito hostil [...] crianças no sentido inglês não existem no Brasil” (MAUAD, 2020, p. 138).

Essa referência aos maus hábitos brasileiros foi atribuída ao clima tropical vigente e também à influência da cultura negra, que neste período, ganhava força com o constante desembarque de escravos vindos das regiões do continente africano, controladas pelos portugueses. Ainda segundo Mauad (2020) esta avaliação negativa é devido à incompreensão dos estrangeiros em relação aos hábitos peculiares tropicais, ao comportamento dos portugueses à rotina da sociedade colonial e à forte presença da cultura negra.

Nas elites, como pode se imaginar, as crianças eram tratadas de forma bem diferente das que não possuíam uma família com alguma relevância ou honrarias. Isto também refletiu no modo de como suas infâncias se desenvolveram, já que enquanto algumas tinham brinquedos e acessórios infantis, os filhos de escravos e de indígenas usavam sua imaginação para inventar brincadeiras que não necessitassem de muitos recursos.

As princesas, com nove e dez anos, de Petrópolis, mandavam recados para sua mãe: “Mamãe faça o favor de me trazer quatro bonecas pequeninas de porcelana [...] Mamãe faça o favor de comprar as bonecas nuas para eu as

vestir ao meu gosto [...] Mamãe, traga papelão para fazer uma casa de bonecas” (MAUAD, 2020, p. 146).

Neste pequeno fragmento, em que há um pedido de uma filha para que a mãe lhe conceda mais brinquedos, mostra o começo de uma polarização no quesito do entretenimento infantil: "princesas" têm seus brinquedos e acessórios para concretizar em matéria o que apenas era projeto de sua imaginação, enquanto as crianças que não fazem parte da elite criam suas brincadeiras apenas usando seus recursos imaginários. A cultura que se implantou no Brasil diante da polarização das formas de brincadeiras entre as diferentes classes que as crianças pertenciam, também gerou impactos durante o processo de amadurecimento do país como nação independente, principalmente no âmbito social, onde algumas crianças passaram a ser esquecidas.

Atualmente, a situação da criança no Brasil tem sido vista com cautela. Os principais estudos estão relacionados à área da educação e da pedagogia, que prezam pelo entendimento do pensar da criança e suas interações sociais tanto no ambiente escolar, quanto no familiar.

1.1.2 História da Criança Negra no Brasil

Durante a história do Brasil, um dos processos sociais mais impactantes da nação durante seu período colonial foi a do tráfico negreiro, em que negros eram trazidos de diversas comunidades africanas para serem escravizados pela colônia portuguesa.

Nessa situação, a população negra e escrava era praticamente invisível aos olhos dos governantes, que se importavam apenas com problemas econômicos direta e indiretamente relacionados ao Império Português. Os negros só tinham alguma visibilidade quando surgiam boatos de que uma possível revolta estaria sendo preparada para livrar a população escravizada de seu trabalho forçado. Dessa forma, com o silêncio e a invisibilidade deles diante da sociedade escravagista da época, as crianças negras sofreram praticamente nas mesmas proporções. Julita Scarano (2020), em seu capítulo “Criança esquecida das Minas Gerais”, comenta que:

As crianças negras foram praticamente ignoradas na correspondência que de Lisboa ou mesmo de Bahia e Rio de Janeiro, partiu para a região das minas no decorrer do século XVIII. Pouco se fala da vida diária e dos aspectos mais corriqueiros do cotidiano e não há interesse em comentar como viviam os escravos e os pobres, as mulheres e, menos ainda, as crianças, mesmo em se tratando de filhos de pessoas de importância. (SCARANO, 2020, p. 107).

Nota-se, portanto, o descaso que as crianças sofriam nesse período, especialmente as crianças negras, que eram consideradas apenas mais um número, caso houvesse o óbito durante seu período primário da infância. “[...] sua morte não era encarada com uma tragédia, outras crianças poderiam nascer substituindo as que se foram. Era aceita como uma fatalidade, tantas nasciam e morriam, sendo substituídas por outras” (SCARANO, 2020, p. 110). Isso ocorria na maioria dos casos com as crianças negras e filhas de escravas. Embora a taxa de natalidade fosse alta, devido às más condições de vida que alguns indivíduos se encontravam, as crianças não sobreviviam por muitos anos. A prova disso, de acordo com Scarano (2020), é que um escravo de boa idade para o trabalho teria entre 15 e 24 anos.

Outro ponto de destaque é a forte influência religiosa do catolicismo, que obrigavam as crianças negras a serem batizadas, por exemplo, ritual indispensável tanto aos que migravam ao Brasil, quanto aos que já haviam nascido em terras brasileiras.

[...] parecia tão indispensável que se julgava necessário que fosse realizado, mesmo contra a vontade dos pais e consideravam inclusive que até os sete anos a criança deveria viver com pais, depois disso, se estes quisessem afastar os filhos da fé católica, que as crianças fossem deles separadas. (SCARANO, 2020, p. 118).

O abandono dos hábitos culturais do antigo continente africano era recorrente nesse período. Ainda segundo Scarano (2020), o catolicismo lusitano era uma das maiores fontes de força para importação de uma cultura que explorava a população negra e tentava excluir traços culturais que provinham da região africana, como a prática da capoeira e os rituais de cantos e danças realizados pelos adeptos do candomblé. Por sorte, a cultura cultivada pelo povo negro e escravizado foi mantida em segredo, sendo hoje uma fonte para revisitar as origens, os costumes e as histórias de um povo sofrido e marginalizado.

Nesse contexto, diante do debate sobre a formação da identidade da criança negra, ela sofre muitas influências, principalmente por estar em constante processo

de construção. Como já dito, a relação da criança e da escola são muito próximas, sendo então importante a implantação de elementos que se refira à sua etnia e ao seu contexto social e familiar. A criação de uma atmosfera que acolha a criança negra e a faça se sentir envolvida no círculo social pedagógico é essencial para a formação de sua identidade. É importante que ela se sinta como um membro do contexto que frequenta e que possa se reconhecer nas atividades desenvolvidas nesse âmbito, já que:

A criança negra percebe no cotidiano escolar, que há uma rejeição quanto a sua etnia. Em datas comemorativas, como o Dia das Mães, em geral, são ilustradas famílias brancas. Na roda de leitura, em geral, as histórias infantis, como a Branca de Neve e os Sete Anões, a personagem principal é branca. (SOUZA; LOPES; SANTOS, 2007, p. 4).

Dessa forma, a marginalização da criança negra cria brechas para o autorrecolhimento e o desenvolvimento de problemas psicológicos que afetem sua interação social, pois: “É nas interações que a criança internaliza os estereótipos negativos ligados ao negro, construídos no imaginário social, sendo disseminado pelos veículos de comunicações e reproduzidos pela escola” (SOUZA; LOPES; SANTOS, 2007, p. 5).

1.2 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA

Como este trabalho de conclusão de curso busca realizar algumas reflexões sobre a concepção de infância, é, pois, necessário resgatar-se algumas concepções e significados para analisar o papel da criança na literatura e nos contos da escritora Conceição Evaristo, para entender a criança e a infância de uma forma mais abrangente.

No dicionário *Houaiss Conciso da Língua Portuguesa* (2011), o termo infância é considerado como período da existência humana do nascimento até a adolescência. Para o *Estatuto da criança e do adolescente*, Lei nº 8.069/90, criança é a pessoa até os 12 anos de idade incompletos. (BRASIL, 1990).

Com a criação de políticas públicas que visam à proteção e o bem-estar da criança, como o *Estatuto da Criança e do Adolescente*, o olhar sobre a infância e a educação infantil, trouxe a necessidade de repensar a criança como um sujeito

social e histórico. “As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (BRASIL, 1998, p. 21).

Para Miguel Gonzales Arroyo (1994), a infância não é uma categoria estática, a infância ou a concepção de infância é algo que está em permanente construção. Para o autor, a concepção de infância é diferente em vários contextos. A infância hoje é diferente de antigamente, assim como a infância rural é diferente da urbana e, portanto, a concepção de infância está mudando muito.

Durante muitos séculos a infância não foi sujeito de direitos. Ela era simplesmente algo à margem da família, considerada como um vir a ser. Só era considerada sujeito quando chegava a idade da razão. A igreja, durante muito tempo, também pensou assim. Hoje, a criança, pelo seu momento social, já é considerada como alguém que tem sua própria identidade, seus direitos. (ARROYO, 1994, p. 89).

Ainda em relação à concepção de infância, Arroyo (1994) afirma que ela, historicamente, depende de outros sujeitos, principalmente da mãe, que é o sujeito mais próximo da criança. Nesse contexto, o autor reforça o papel da mãe não só como aquela que gera, mas que continuamente produz e reproduz a infância, nos cuidados, na saúde e na socialização. “Dependendo do papel da mulher na sociedade, vamos encontrar um papel diferente para a infância” (ARROYO, 1994, p. 89).

Muitos são os desafios a serem superados no que tange ao papel social e histórico da criança na sociedade moderna. Para Sônia Kramer (1999), muitos são os desafios para as políticas sociais e para os profissionais da educação com relação à infância, pois “[...] a inserção concreta das crianças e os papéis que desempenham variam com as formas de organização social” (KRAMER, 1999, p. 271).

Dentro do campo da sociologia, Kramer (1999, p. 271) afirma que o significado social e ideológico da criança, bem como o valor social da infância, ajuda a entender a dependência da criança em relação ao adulto como fato social e não natural, “[...] na base da distribuição desigual de poder entre adultos e crianças, há razões sociais e ideológicas fortes, com repercussões evidentes no que se refere ao controle e à dominação de grupos”.

A infância nos contos de Conceição Evaristo é marcada pela realidade brasileira no que se refere à desigualdade social e à condição – também – do negro no Brasil. As crianças fazem parte do universo literário da autora, marcadas pela condição de excluídos e marginalizados.

Para Kuhlmann JR. (2010), a história da assistência, da família e da educação contribui para a história da infância. A partir das organizações das práticas educativas e do surgimento dos serviços de assistência à infância surge a concepção da pobreza como uma ameaça social.

Interpreta-se a pobreza a partir da generalização de caracterizações parcializadas. Essa lógica ainda se faz presente quando se reduz a história da infância à da infância abandonada, quando a criança pobre é identificada como menino de rua, que, por sua vez, torna-se sinônimo de trombadinha, ou menor infrator, reproduzindo a concepção de pobreza forjada nos moldes das concepções assistenciais do início do século (KUHLMANN JR, 2010, p. 27-28).

Nesta perspectiva é preciso considerar a infância como uma condição da criança. Segundo Kuhlmann JR. (2010), a história das crianças é produzida por adultos, pois elas participam das relações sociais e isto é um processo social, cultural e histórico e essas relações são partes integrantes do seu desenvolvimento.

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras da história (KUHLMANN JR, 2010, p. 30).

Dentro do proposto neste trabalho, a análise dos contos busca localizar a infância dentro de uma perspectiva que identifica as personagens privadas deste que é um período em que a criança é considerada um sujeito histórico, porém, segundo Kuhlmann JR. (2010), sem visibilidade, excluídas de direitos básicos. Procurar-se-á evidenciar que a trajetória da criança associada à privação da infância, aos maus tratos, abusos, violência, órfãos e escravas do trabalho, por negligência da família, do Estado e da sociedade em geral, influencia na construção de sua jornada.

2 SOBRE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E CONCEIÇÃO EVARISTO

A produção literária dos escritores afrodescendentes passa por várias definições, não sendo um conceito unânime entre a comunidade acadêmica. A literatura em questão passa pela análise de vários pesquisadores, cuja nomenclatura já possui algumas referências em nomes como David Brookshaw (1983), Zilá Bernd (1988), Dejair Dionísio (2013) e Eduardo de Assis Duarte (2011), que serão utilizados neste capítulo, dentre outros.

Antes de dar sequência, é importante destacar que há uma discussão acerca de qual designação seria a mais correta: literatura negra, literatura afrodescendente ou literatura afro-brasileira. Para este trabalho, optou-se pelo termo utilizado pelo Prof. Eduardo de Assis Duarte, literatura afro-brasileira, cuja definição será apresentada ao longo deste capítulo.

2.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Segundo Antonio Candido (2006), a literatura pode ser vista como elemento fundamental na criação de uma nação. Ao se analisar o processo histórico de formação da sociedade brasileira escravocrata e a representatividade da elite no campo social e econômico, percebe-se que a figura do negro não teve seu real valor reconhecido na formação social do Brasil e conseqüentemente também na literatura. Para tanto, faz-se necessário fazer justiça aos negros que tanto contribuíram na formação da sociedade brasileira.

Com relação à produção literária negra brasileira, David Brookshaw (1983), afirma que a razão da ausência de uma tradição literária negra no Brasil e de sua presença na América do Norte se dá devido ao maior desenvolvimento econômico dos negros nos Estados Unidos. Para o autor,

Uma maior segregação, ratificada por lei, levou a maior união racial e conseqüentemente, produziu manifestação mais forte e mais unida contra as brutalidades da discriminação racial. Estimulou também o desenvolvimento de entidades autônomas para apoiar o progresso social dos negros, tais como negócios dirigidos por negros para negros, faculdades para estudantes negros e, na área literária, editoras para negros (BROOKSHAW, 1983, p.148-149).

Portanto a ausência de uma tradição de literatura negra no Brasil deve-se inicialmente em razão da carência deste fator negativo de discriminação racial, que retardou o surgimento de escritores negros. O mito de que o Brasil é uma democracia racial, também criou a falsa ideia que o dinheiro pode mudar a condição social do negro. Para Zilá Bernd (1988), a expressão literatura negra à primeira vista remete a um conceito etnocêntrico e reacionário, pois fica evidente que sensibilidade não é fator inerente a uma dada etnia.

Neste sentido, é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela nem a cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em *primeira pessoa* parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um dos seus marcadores estilísticos mais expressivos (BERND, 1988, p. 22, grifos da autora).

Para Dejour Dionísio (2013), o conceito de literatura afrodescendente passa pela desconstrução do conceito de uma identidade única nacional. Segundo ele, fica evidente o obscurecimento da representatividade do negro na produção literária nacional.

Assim, poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afro-descendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipados (folclore, exotismo, regionalismo). (DIONÍSIO *in* LOBO, 2007, p. 315).

Ainda de acordo com Dionísio (2013), o suplemento “afro” é condição necessária para assegurar voz e visibilidade a algo que está na obscuridade, neste caso, da divulgação, produção e conhecimento da literatura negra ou afrodescendente.

Partindo da origem da produção literária dos negros no Brasil e do conceito de Literatura negra proposto por Bernd (1988), em que a literatura negra surge como uma tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa de identidade pelos negros que por muito tempo tentaram assimilar cultura branca dominante, Eduardo de Assis Duarte (2011) propõe o conceito de Literatura Afro-brasileira como um conceito em construção e que mantém permanente diálogo com a literatura brasileira. “Essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços

históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.” (DUARTE, 2011, p. 376).

O autor também elenca elementos que diferenciam e conferem especificidades à produção literária dos afrodescendentes no Brasil e que, descartados os fatores extraliterários, algumas constantes discursivas importantes têm sido utilizadas como critérios para configurar a literatura afro-brasileira. São elas: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público (DUARTE, 2011).

A **temática** compreende as tradições culturais ou religiosas e as memórias e lutas do povo africano, apresentando também suas estórias, mitos e lendas ou ainda as condições de exclusão e preconceito sofridas pelos afrodescendentes. Já a **autoria** é relevante devido à relação entre a escrita e a experiência e pode ser compreendida de maneira simples, na qual o autor seria afrodescendente, contudo gera diferentes discussões entre os estudiosos, pois além de refletir sobre os fatores biológicos e fenotípicos do autor, há que se perceber se os mesmos reivindicam essa condição e se a incluem em suas escritas (DUARTE, 2011).

O **ponto de vista** refere-se a visão de mundo do autor e os seus valores individuais, mas também derivados de suas vivências como afrodescendente, que são apresentados no texto. O elemento da **linguagem** remete a presença do discurso afrodescendente na literatura, mas de um discurso escrito por estes e não do modo "branco de escrita" sobre estes. Por fim, o **público** é sobre a expectativa de um público receptor definido, que irá identificar-se com a escrita e com as histórias, possibilitando assim inclusive a criação de novos espaços feitos por e para afrodescendentes para reflexões e debates sobre tais leituras. (DUARTE, 2011).

Duarte (2011) ainda destaca que as reflexões sobre o surgimento dessa produção literária negra têm espaço nos estudos acadêmicos de muitos pesquisadores estrangeiros:

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. Desde então, cresce da mesma forma, mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritores, que, ao longo do século XX, foram objeto quase exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, entre outros (DUARTE, 2011, p. 376-377).

Ainda dentro das discussões em torno da expressão Literatura Afro-brasileira é importante relacionar o intercâmbio entre autores, críticos e público atraídos por essa linha de criação literária. Nesse cenário, é imprescindível citar o trabalho de poetas e escritores de organizações como o Quilombhoje, de São Paulo, responsável pela publicação da série *Cadernos negros* e de outros grupos de escritores de Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras capitais.

No cenário nacional, alguns pesquisadores como Zilá Bernd, Edimilson de Almeida Pereira, Dejair Dionísio, Eduardo de Assis Duarte buscam conceituar e mapear a produção literária dos afrodescendentes, que vem ganhando espaço e legitimidade nos cursos de graduação e pós-graduação das universidades públicas e privadas e também no meio editorial.

Edimilson de Almeida Pereira (1995), em seu artigo “Panorama da Literatura Afro-brasileira”, discorre sobre debate em torno da expressão literatura afro-brasileira. Para o autor, dois critérios que têm sido empregados para defini-la: o critério étnico, que vincula a obra à origem do autor, e o critério temático, que identifica o conteúdo de procedência afro brasileira como elemento caracterizador desta literatura. Ao se utilizar desses critérios se impõe uma censura prévia aos autores negros e não negros.

Para Pereira (1995), é preciso buscar um critério pluralista, estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a literatura afro-brasileira como uma das vertentes da literatura brasileira. Ele afirma que a identidade da literatura brasileira está ligada a uma tradição *fraturada*:

Os primeiros autores que pensaram e escreveram sobre o Brasil possuíam formação europeia; e mesmo aqueles que se esforçaram por exprimir uma visão de mundo a partir de experiências locais tiveram de fazê-lo na língua herdada do colonizador. Eis o drama intelectual no Novo Mundo! A marca da nossa identidade literária pode estar no reconhecimento desta fratura, que nos coloca no intervalo entre a aproximação e o distanciamento das heranças da colonização. (PEREIRA, 1995, p. 1035).

A cultura negra se faz presente na produção literária dos afrodescendentes desde o século XVIII, com destaque a autores importantes como Domingos Caldas Barbosa, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Antônio Gonçalves Dias, Laurindo José da Silva Rabelo, Luiz Gonzaga Pinto da Gama, Joaquim Maria Machado de Assis, Tobias Barreto de Menezes, Antônio Gonçalves Crespo, José do Patrocínio, João da Cruz e Sousa, Afonso Henriques de Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade,

Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza e Carolina Maria de Jesus. (PEREIRA, 1995).

A antologia *Literatura e Afrodescendência no Brasil*, organizada pelo pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2011), reuniu uma pesquisa realizada em todo Brasil, na qual pesquisadores vinculados a instituições brasileiras e estrangeiras de ensino superior fazem um levantamento e mapeamento da literatura produzida pelos afrodescendentes desde o período colonial. Conceição Evaristo consta nesta antologia no volume dois.

A partir dos conceitos e definições apresentados, mesmo que brevemente, fica evidente a presença de uma literatura diferenciada, com características próprias, que evidencia a produção literária dos afrodescendentes no Brasil. O surgimento de uma literatura afro-brasileira busca ampliar a visibilidade e a reflexão a respeito de autores afrodescendentes de maneira distinta dos nomes tradicionalmente conhecidos da literatura nacional.

E é importante destacar que é pelo reconhecimento do negro na formação social do Brasil e pelo reconhecimento da contribuição cultural na literatura que autores como Conceição Evaristo ganham visibilidade no cenário acadêmico, intelectual e editorial.

2.2 CONCEIÇÃO EVARISTO

A escritora Mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu no dia 29 de novembro de 1946, numa favela situada no alto da Avenida Afonso Pena em Belo Horizonte. Filha de Joana Josefina Evaristo e Aníbal Vitorino, segunda de nove irmãos. Foi a primeira em sua família a obter diploma superior. De origem humilde, aos sete anos foi morar com a tia Maria Filomena da Silva e seu marido Antônio João da Silva, o Tio Totó. Desde sua adolescência trabalhou como doméstica enquanto estudava no Instituto de Educação, tradicional escola pública da capital mineira, onde terminou por concluir o antigo Curso Normal.

Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro em busca de formação acadêmica e de condições melhores de trabalho. Para Lima (2009), “Adquirir o conhecimento formal, aprimorar e amadurecer o dom para as letras não foi tarefa fácil para Conceição Evaristo”. Dois anos depois de chegar ao Rio de Janeiro, em 1975, ela

prestou concurso para o quadro de magistério na cidade de Niterói, onde trabalhou por quase dez anos como professora do Supletivo.

Em 1976, ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro no curso de Letras Português e Literaturas. Nesse mesmo ano casou-se com Oswaldo Santos de Brito e teve a sua única filha, Ainá Evaristo de Brito, portadora de uma síndrome genética que comprometeu seu desenvolvimento motor. Seu marido faleceu em 30 de dezembro de 1989.

Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a dissertação *literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, defendida em 1996, na qual apresenta o termo “escrevivência”, que define seu entendimento sobre a escrita do negro. Seguiu com a formação acadêmica com Doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense cujo objeto da tese é a Literatura afro-Brasileira em confronto com a Literatura Africana de Língua Portuguesa.

Além de professora da rede pública de ensino, Conceição Evaristo trabalhou como funcionária da Secretaria Municipal de Cultura, atuou na Divisão de Cultura Afro-Brasileira e no Centro José Bonifácio de Documentação e Memória da Cultura Afro-Brasileira. Segundo Campos e Duarte (2011), “Toda a sua atuação acadêmica, pesquisa e criação literária são profundamente marcadas por sua condição de mulher negra na sociedade brasileira”. A escritora também participou do Coletivo de Escritores Negros do Rio de Janeiro, bem como de organizações ligadas ao Movimento Negro e de mulheres.

Conceição Evaristo, atualmente aposentada, continua atuando como professora convidada em cursos de especialização de professores, ministrando cursos relacionados a literatura, à educação, ao gênero e à etnia, e se dedica à arte da escrita.

A obra de Conceição Evaristo é composta por poesia, romances e contos. Sua trajetória na literatura teve início em 1990, no volume 13 da série *Cadernos Negros*, com seis poemas, entre os quais “Vozes-mulheres”. O primeiro volume da série *Cadernos Negros* surgiu em 1978 e é um dos mais importantes espaços para publicação da literatura negra. Consiste em uma antologia anual de poemas e contos que reúne produções artísticas dos afro-brasileiros. Conceição Evaristo tem nos *Cadernos Negros* o principal veículo de divulgação de seus poemas e contos. São mais de quinze edições publicando alternadamente seus contos e poesias. Para

Duarte (2011), a produção literária de escritora se destaca pela forma poética com que representa a crueldade do cotidiano dos excluídos.

Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003 pela Editora Mazza de Belo Horizonte. O romance narra a trajetória de uma descendente de escravos, Ponciá, desde a infância nas terras dos antigos senhores, até a sua idade adulta. É o romance mais aclamado da autora. Em 2007, foi publicado em língua Inglesa, pela Host Publications, em Nova Iorque. Neste livro, segundo Duarte (2011), Conceição Evaristo entrelaça de forma descontínua vidas passadas e presentes, memória individual e coletiva, bem como a questão da própria identidade, cuja ausência de cidadania assinala a condição da maioria dos afro-brasileiros.

Depois do sucesso de *Ponciá Vicêncio*, publica um novo romance, *Becos da memória*, em 2006, no qual narra a partir do ponto de vista feminino e afrodescendente o sofrimento de favelados em vias de remoção. O romance relembra a própria vida da escritora quando moradora de uma favela em Belo Horizonte e também apresenta as esferas do individual e do coletivo que se entrelaçam, recuperando um dos traços mais marcantes da produção literária afro-brasileira.

Em 2008, publicou seu primeiro livro de poesia, *Poemas da recordação e outros movimentos*, pela editora Nandyala, composto por 44 poemas com temáticas diferentes, divididos em três epígrafes: a primeira diz respeito ao afrodescendente e à diáspora negra; a segunda refere-se à temática lírico amorosa; e, por último, a temática da telúrica e metalinguística, em que se refere à terra natal. (LIMA, 2009).

A antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicada pela editora Nandyala em 2011 é composta por 13 contos, que têm como protagonistas mulheres negras. Os contos revelam vozes femininas que demonstram sua imensa capacidade de resistirem ao sofrimento e constroem modos de resistência para sobreviver a diversas formas de violência.

O livro de contos *Olhos d'água*, do qual foram tirados os contos para análise nesta pesquisa, foi publicado inicialmente em 2014 pela editora Pallas, em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racional da Presidência da República. São quinze contos que apresentam vários protagonistas, mulheres, homens e crianças, sendo estas o principal objeto de estudo deste trabalho de Conclusão de curso. Com este livro, a autora recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura em 2015, o que a colocou em evidência no cenário cultural nacional.

Ainda dentro do gênero de contos, Conceição Evaristo publicou, em 2016, o livro *Histórias de leves enganos e parecenças*, pela editora Malê. O livro está dividido em doze contos e uma novela: “Sabela”. A novela se divide em três partes e narra a trajetória de vida de uma geração de mulheres que possuíam dom de sentir o tempo e prever acontecimentos, por essa razão nem sempre foram compreendidas. A narrativa é marcada pela presença do fantástico, do estranho e do imprevisível.

Percebe-se que a obra de Conceição Evaristo vem ganhando destaque no meio acadêmico, no Brasil e em outros países, sendo objeto de teses, dissertações e seminários.

2.2.2 Características da Escrivência de Conceição Evaristo

Segundo Lima (2009), a aquisição da escrita e da leitura de Conceição Evaristo tem origem ainda na infância, quando a escritora participava junto com a mãe e a tia dos trabalhos domésticos. Dona Joana e a tia Maria Filomena eram lavadeiras e Conceição participava do lavar, apanhar e do entregar trouxas de roupas na casa dos patrões. A mãe tinha por hábito anotar a quantidade de roupas, que eram entregues:

Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e, às vezes, até constrangedora, era o momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras:

- 4 lençóis brancos,
- 4 fronhas,
- 4 cobre-leitos,
- 4 toalhas de banho,
- 4 toalhas de rosto,
- 2 toalhas de mesa,
- 15 calcinhas,
- 20 toalhinhas,
- 10 cuecas,
- 7 pares de meias, etc., etc., etc. (EVARISTO, 2007, p.16).

Para Duarte e Lopes (2011), a produção literária de Conceição Evaristo traz ao público uma literatura que transita do poema para o conto e deste para o romance, sendo uma produção literária marcada pela singular narrativa poética que tem origem no que a própria escritora define como “escrivência”. É uma escrita

que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo e revelam a condição do afrodescendente no Brasil.

A palavra *escrevivência* é um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente compreendemos do que se trata. A ideia de juntar escrita e experiência de vida em vários textos ligados a literatura contemporânea. Entretanto, Evaristo se apropria do termo para elucidar o seu fazer poético e lhe fornece contornos conceituais (CÔRTEZ, 2016, p. 52).

Importante ressaltar na escrita de Conceição Evaristo, na poesia e também nos contos e romances, a necessidade de enfatizar o eu poético de falar por si e pelos seus pares.

Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas igualmente, de resistência à opressão (DUARTE, 2006, p. 24).

A trajetória de Conceição Evaristo foi marcada pelas dificuldades econômicas e sociais. “Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto de ouvir e contar histórias” (EVARISTO, 2007, p. 20). A escritora tinha na leitura e na escrita um meio de suportar o mundo, pois proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no seu espaço de vivência.

Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. (EVARISTO, 2007, p. 20).

Para enfatizar as características da *escrevivência* “Pode-se dizer que o estilo literário de Evaristo é construído de uma linguagem poética marcada pela sua etnicidade” (ALMEIDA e BEZERRA, 2019, p. 13). Também é importante ressaltar a importância dada à voz, aos sentimentos e às experiências, tanto coletiva quanto individuais, de um povo que foi e ainda é ignorado. “Daí a perspectiva de *escrevivência* colocada pela própria autora para dar uma característica particular a sua forma de escrever” (ALMEIDA e BEZZERA, 2019, p. 13).

A produção literária de Conceição Evaristo é baseada nas histórias que viu, viveu e ouviu de sua mãe e de outras pessoas. “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21).

É a partir da construção de identidade afro-brasileira e feminina que a escritora dá voz a seus personagens. Especificamente, neste trabalho, voltar-se-á o olhar à voz que é dada às crianças negras, muitas vezes relegadas a segundo planos. É por meio da sua escrevivência que a autora cria personagens como Di Lixão, Lumbiá, Zaíta e Naíta, revelando na sua obra ficcional o universo marginal que a sociedade tenta ocultar.

3 CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NOS CONTOS DE OLHOS D'ÁGUA

Durante a leitura dos contos de Conceição Evaristo, é possível notar sua habilidade em descrever de forma breve os acontecimentos, criando a sensação de rapidez durante a transição de espaços, pensamentos e de monólogos protagonizados por suas personagens. Há, também, em seus contos, uma vivência, ou escrevivência, que mostra o concreto da vida, que são, na literatura contemporânea, acentuadas durante a escrita. De acordo com Schollhammer (2011), o “contemporâneo” nem sempre será o que está próximo do momento atual. Há uma aproximação do individual, do íntimo com o social que, de certa forma, criam imagens de uma realidade palpável.

No universo hipertextual, o texto literário se encontra em diálogo constante com a imagem, assim como com textos não literários – jornalismo, história, cartas, enciclopédias, manuais técnicos e outros –, de modo que se dissolvem as fronteiras claras entre ficção e não ficção, e se introduzem, no universo literário, materiais concretos e experiências vividas no cruzamento entre a recepção interpretativa e o impacto da experiência sensível. (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 93).

Nessas experiências durante a escrita, o leitor não só se identifica com as personagens, mas também com as temáticas abordadas que, no caso dos contos de Conceição Evaristo que serão analisados, abrangem as classes inferiores e marginalizadas, focando-se principalmente no papel que a criança ocupa dentro das narrativas e sua condição humana nos ambientes invisibilizados em que atuam.

Em relação aos textos que serão analisados neste trabalho, pode-se dizer que as “questões humanas mais dramáticas da realidade” correspondem à situação de rua e de precariedade vividas pelas personagens infantis nos três contos, pois elas se enquadram no estereótipo de vítimas da sociedade, tanto por questões de abandono e negligência, quanto por violência.

A partir dessas observações, neste capítulo serão analisados os contos “Di Lixão”, “Záíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Lumbiá”, procurando evidenciar a questão da vulnerabilidade social com ênfase na violência urbana, no abandono e no trabalho infantil. Os personagens elencados representam milhares de crianças em situação de risco que poderiam facilmente passar despercebidas.

3.1 OLHOS D'ÁGUA: A TEMÁTICA DA OBRA E DOS CONTOS ANALISADOS

Os contos analisados neste trabalho fazem parte de uma antologia publicada em 2014 pela Editora Pallas sob o título *Olhos d'água*. Ela é constituída de quinze contos já publicados anteriormente pelo grupo paulista Quilombhoje, nos *Cadernos Negros*. São narrativas que abordam conflitos sociais, históricos e contemporâneos e relatam o cotidiano nas favelas e na periferia dos grandes centros urbanos. São contos que, como observa Heloisa Toller Gomes (2015, p. 11), no prefácio do livro, vão além do “mundo negro, assim como transcende o dia de hoje. Os contos, sempre fincados no fugidio presente, abarcam o passado e interrogam o futuro.

O objeto de análise desse trabalho são os contos "Zaita esqueceu de guardar os brinquedos", "Di lixão", "Lumbiá" com foco na criança como personagem principal. Conceição Evaristo dá voz as personagens infantis numa demonstração de reconhecimento da função social da criança na família e na sociedade.

"Zaita esqueceu de guardar os brinquedos" foi inicialmente publicado em 2007, na edição número 30 dos *Cadernos Negros*. A narrativa ficcional se desenrola numa favela não especificada, trazendo como protagonistas as gêmeas Zaita e Naíta. A família é composta pela mãe, de trinta e quatro anos, e quatro filhos, as gêmeas e dois irmãos mais velhos. A narrativa demonstra o conflito familiar existente, a falta de perspectiva da mãe, as difíceis escolhas dos filhos e o dilema da pequena Zaita que, ao perder uma figurinha especial, sai desorientada pelos becos da favela e é vítima da violência urbana.

"Di Lixão" foi publicado pela primeira vez em 1991, nos *Cadernos Negros* edição de número 14, e aborda a questão do abandono ao narrar a curta trajetória de um menino de rua, Di Lixão, que revirava as latas de lixo para sobreviver. Morador de rua, dormia debaixo de marquises com outro menino. Filho de uma prostituta, via as preocupações da mãe com seu futuro e perambulava pelas ruas para ganhar seu sustento. Encontra um fim trágico na falta de assistência médica e na falta de condições de saúde e moradia.

O terceiro conto analisado, "Lumbiá" é a história de um menino, de nome homônimo ao título do conto, vendedor de flores e chicletes. A primeira publicação foi em 2011, no volume 34 dos *Cadernos Negros*. A trama aborda a questão do trabalho infantil e dos meninos de rua, pois Lumbiá vende mercadorias na rua para ajudar a mãe. Encantado pelo natal, vagava pelas ruas observando a decoração e

os presépios. Ao entrar em um estabelecimento comercial para presentear o menino Jesus do presépio na véspera de natal, identifica-se com o menino da manjedoura. Num rompante, pega o menino Jesus e é perseguido pelos seguranças, encontrando, também, um final trágico, ao ser atropelado por um carro.

A abrangência da escrita de Conceição Evaristo demonstra uma preocupação em dar voz a personagens não tradicionalmente escutados. A criança tem destaque na produção literária da escritora, tanto nos contos, no romance e na poesia.

3.2 “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”: A VIOLÊNCIA URBANA

Neste conto, apesar de existirem muitas provocações a respeito das condições precárias de vida da população que habita em áreas isoladas da sociedade, o ambiente violento na qual a história se passa fica em evidência, relatando uma triste realidade presenciada pelos moradores das favelas nas grandes metrópoles brasileiras.

A falsa passividade da qual a autora comenta provoca o silêncio da real situação de violência que a população isolada nas favelas vive. O conto mostra o cotidiano de uma família pobre que vive no morro e lida com as diversas amostras de violência e sofrimento. Zaíta é a irmã gêmea de Naíta, na qual se diferenciam apenas por sua entonação e velocidade de fala. Naíta sempre tenta trocar de brinquedo com Zaíta, esta que possui uma figurinha perfumada, entretanto, a irmã nunca cede.

Benícia é mãe de Zaíta, Naíta e mais dois filhos homens. O primeiro é soldado do exército e pretende seguir carreira. O segundo é envolvido com a criminalidade do morro. A presença do segundo filho torna-se um símbolo da violência e do medo sofridos não só ao redor da população que reside na favela, mas principalmente pela própria família de Zaíta.

Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe por que o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. (EVARISTO, 2006, p. 76).

Observa-se, na passagem acima, que há um desconforto por parte da família, pois ela também representa o anúncio da tragédia que será encontrada ao final do conto. Neste caso, a violência ainda não se fez presente, porém a atmosfera de aflição e a simbologia da arma carregada pelo irmão de Zaíta mostram um teor violento e também indícios de seu envolvimento com a criminalidade local.

O irmão de Zaíta, o que não estava no Exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma e local de poder. Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. (EVARISTO, 2016, p. 77).

Os traços da posse de uma arma de fogo, a aflição durante a noite, a busca pelo poder dentro da favela e a escolha por um caminho mais fácil em busca de dinheiro para sustentar a família, montam um personagem que simbolicamente é perigoso e violento dentro da narrativa, principalmente por não ter a aprovação da mãe Benícia.

No decorrer do conto, após as duas irmãs brigarem por não terem trocado seus brinquedos, Zaíta acorda e não encontra sua figurinha perfumada, que deixara debaixo do travesseiro. Ela então sai à procura da irmã para questioná-la sobre seu brinquedo: “Onde estava Naíta? Onde ela havia se metido? Zaíta saiu de casa em casa por todo o beco, perguntando pela irmã. Ninguém sabia responder” (EVARISTO, p. 77, 2016).

A partir desse momento, o confronto armado e o contato direto com a violência começam a tomar forma. Naíta, depois de ter apanhado de sua mãe, sai à procura de Zaíta para que ela volte ao lar. “Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa de que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro” (EVARISTO, 2018, p. 80).

Zaíta continua desesperada procurando pela irmã em busca de sua figurinha perdida, entretanto, o barulho de disparos com arma de fogo começa a soar. Zaíta ignora o barulho e a oferta de abrigo oferecida pelos seus vizinhos. A menina só tem em mente o foco no brinquedo, deixando claro o tamanho de sua inocência diante do perturbador ambiente que se forma ao redor. “Zaíta seguia distraída em sua preocupação. [...] Ela procurava, entretanto, somente sua figurinha-flor... Em meio ao

tiroteio a menina ia. Balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar” (EVARISTO, 2018, p. 80).

Com o caos instaurado ao redor de Zaíta, a menina acaba ficando no meio da linha de tiro. “Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto, tudo acabou” (EVARISTO, p. 80, 2018). Assim, o final do conto mostra o impacto da violência, esta que é influenciada pela criminalidade local e que acaba deixando vítimas inocentes pelas ruas: “Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão” (EVARISTO, 2018, p. 80).

Zaíta tem a infância interrompida pela violência urbana. As crianças estão expostas a situações de risco, muito comuns nas favelas onde quase que diariamente são noticiadas brigas entre gangues rivais e em confrontos com a polícia, quase sempre resultando na morte de pessoas inocentes. A condição financeira da família é fator determinante para a criança, que passa o dia em companhia apenas da irmã gêmea, enquanto a mãe trabalha para garantir o sustento da casa, saia sozinha num ambiente hostil para procurar a sua figurinha.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou, em 2020, o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, no qual apresentou que no Brasil de 2019 quase 5 mil crianças e adolescentes tiveram mortes violentas, ou seja, mais de 13 crianças e adolescentes por dia no Brasil e, desse número, 75% eram negros (FBSP, 2020). Já em outro relatório, do Centro Regional das Nações Unidas para a Paz, Desarmamento e Desenvolvimento na América Latina e Caribe (Unlirec), o Brasil foi o país com maior número de mortes por balas perdidas entre 2014 e 2015. Dessas mortes, 24% estão relacionadas com o crime organizado; 16% com violência de gangues; 16% relacionados a ocorrências de roubos e 7% envolvendo intervenções legais por parte do Estado (UNLIREC, 2016).

Ao buscar pela sua figurinha-flor, a menina segue distraída, sem consciência da violência que a cerca, pelos becos da favela em meio a um tiroteio sem se preocupar em buscar abrigo e proteção, tão comum para as crianças que moram em zonas de risco, já acostumadas a lidar com a violência. Zaíta só se preocupa em achar sua preciosa figurinha-flor, pela qual a menina se identifica e pelo desejo que reflete a imagem da garotinha carregando uma braçada de flores com suave perfume. A morte pelas balas perdidas desabrochou como flores malditas pelo corpo da menina, enquanto a outra, Naíta lamenta a irmã não guardar os brinquedos.

3.3 “DI LIXÃO”: SEU LAR É A RUA

A questão da vulnerabilidade social é o tema central no conto “Di Lixão”. O conto relata a trajetória de vida de um menino de rua durante um curto período de tempo, não especificado no conto. Há um narrador onisciente em terceira pessoa que busca transmitir os pensamentos da personagem, levando o leitor a conhecer a sua história por meio das suas memórias. Di Lixão divide um espaço na rua com um outro menino de rua, chamado no conto de “companheiro de quarto-marquise” (p. 77), mas os dois não cultivam uma relação de amizade.

Em uma madrugada, Di Lixão acorda com dores na boca, com o rosto inchado devido ao que provavelmente seja um tumor na gengiva. “O dente latejou espalhando a dor por todo o céu da boca” (EVARISTO, 2015, p. 77). Aqui se verifica a dor, a doença e a solidão. Enfim, o sofrimento marcado pelas desigualdades sociais, pois a personagem começa a refletir sobre a vida, sobre o relacionamento com a mãe... “Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio (2015, p. 78).

Retomando a temática da vulnerabilidade, a questão do espaço é fundamental para localizar o conto na narrativa da escritora.

Os espaços escolhidos pela autora para o desenrolar de suas tramas são sugestivos e propositais, projetam a realidade brasileira e atribuem verossimilhança a sua ficção politizada, quais sejam, as favelas, morros, barracos, as ruas funcionando como lar para crianças, dentre outros lugares marginalizados (MENDES, CORRÊA, 2020, p. 126).

Di Lixão e o companheiro vivem na rua. Assim como eles, uma parcela significativa da população brasileira não tem acesso à moradia e nem a tratamento de saúde. Essas desigualdades estão diretamente relacionadas às questões socioeconômicas, étnicas e de gênero. Para Mendes e Corrêa (2020), dentre esses indivíduos destacam-se os negros, favelados, moradores de ruas e aqueles que estão nas classes econômicas menos favorecidas.

Pensou no colega de quarto-marquise. O menino havia sido mais esperto do que ele. Fugira. Ganhara o mundo. Já tinha bastante tempo que os dois

dividiam aquele espaço. De dia perambulavam pela rua, cada qual no seu ganho. Encontrava-se ali no meio da noite. (EVARISTO, 2015, p. 78)

Enquanto sofre com as dores, Di Lixão relembra da mãe e se encolhe em posição fetal.

Pela primeira vez depois de tudo, se lembrou da mãe. Ainda bem que aquela puta tinha morrido! Ele sabia quem havia matado a mulher. Tinha visto tudo direitinho. Na polícia negou que tivesse por perto, que suspeitasse de alguém. Depois de três ou quatro idas à delegacia, os policiais acabaram por deixá-lo em paz. Ele sabia quem. Pouco importava. Que deixassem o homem solto. Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia (EVARISTO, 2015, p.78).

Observa-se que há um relacionamento conturbado com a mãe, pois ele lembra dos conflitos familiares em decorrência da situação financeira, uma vez que a mãe se prostitui. Fica evidente o ressentimento do menino pela profissão da mãe. A mãe por sua vez, apesar de em determinados momentos mostrar descaso com o filho e também não saber informações sobre a paternidade de Di Lixão, tenta fazer “papal de mãe” ao incentivar o filho a mudar de vida, sugerindo inclusive que ele mudasse de vida, como lembrado por Di Lixão no conto “Não aguentava a falação dela: “[...] Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho!” (EVARISTO, 2015, p.78). A relação assim é paradoxal, pois a mãe tentou, de sua maneira, cuidar de Di Lixão, apesar de ele não perceber. Com a morte da mãe, o menino se vê sozinho e sem casa. “Lá fora, o outro mundo também era uma zona” (EVARISTO, 2015, p. 78).

Em sua agonia, devido às complicações da infecção na gengiva e com a violência física (o companheiro havia dado um pontapé nas partes baixas), ao sentir vontade de mijar, lembra que a mãe [...] lhe batia sempre por isso. Um dia, ela, numa crise de raiva, ao ver o menino todo ensopado de mijo, puxou a bimbina dele até quase arrebentar. E dizia para ele aos berros que aquilo era para mijar, para mijar, mijar, mijar. (2015, p. 79).

É nas lembranças com a mãe que o protagonista agoniza e tem a certeza de um desfecho trágico:

Apalpou, meio sem jeito e envergonhado, as partes doídas. O dente latejou fundo no profundo da boca. Dor de dente matava? Não sabia. Sabia, porém, que ia morrer, Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha. Onde estava o desgraçado do outro? Só não queria morrer sozinho.

A violência física e psicológica se faz presente na curta vida da personagem, que é um tema recorrente na narrativa de Conceição Evaristo. A violência física vem do companheiro de quarto-marquise, quando Di Lixão cuspiu no rosto do menino. “Di Lixão acompanhou o gesto raivoso do menino, levantando também. Numa fração de segundo recebeu um pontapé nas suas partes baixas” (EVARISTO, 2015, p. 77).

A violência física também é relatada pela personagem ao se referir ao assassinato da mãe e também pelo fato dela bater no menino em suas crises de raiva. A violência psicológica é decorrente das ameaças da mãe pela sua incontinência urinária quando era pequeno e urinava nas calças e na sua iniciação sexual onde após o ato o menino urinou-se todo. Estava agora agonizando e com vontade de mijar e lembrou-se das ameaças da mãe. “Queria levantar e não podia. Ia soltar nas calças. Não podia fazer. A mãe, aquela puta, era bem capaz de viver de novo e vir castigá-lo” (EVARISTO, 2012, p. 79).

Di Lixão também faz menção à preocupação da mãe para que ele tenha um futuro melhor. Apesar de não demonstrar fortemente afeições maternas, ela o aconselha a estudar para ter uma vida diferente da dela. “Di, vai para escola!” (EVARISTO, 2015, p. 78). Para ele, no entanto, estudar pouco adiantava, o que mostra a falta de perspectivas de muitos meninos de rua, em situação como a da personagem.

Para Mendes e Corrêa (2020), as crianças em situação de vulnerabilidade social buscam encontrar nas ruas o desejo por liberdade, autonomia e aventura, sem refletir as consequências e riscos destas escolhas. Como resultado, as crianças de rua crescem sem a devida proteção e sem acesso à educação

Di Lixão vive na rua e não é possível delimitar o tempo em que o menino se viu só e sem teto. Os espaços escolhidos pela autora para narrar a curta existência da personagem são sugestivos e propositais. São favelas, morros, barracos, zonas de prostituição e as ruas que são como lares para crianças. São os lugares destinados aos indivíduos marginalizados.

A rua é o lugar que Di Lixão elegeu para ser seu lar. A condição de órfão dá a liberdade que ele deseja, visto que a mãe em seu instinto maternal desejava para o filho um futuro melhor que o dela que sempre viveu na pobreza, sem condições de um trabalho digno e de uma casa para morar com o filho. O fato de ele ficar sem nenhum parentesco familiar demonstra a condição da prostituição, onde muitas vezes a mãe não faz ideia de quem seja o pai de seus filhos.

Quanto ao pai não há menção no conto, ele é desconhecido para mãe e para o garoto. Essa problemática é presente no conto e na vida real, já que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, 6,15% das crianças não tiveram o campo do nome do pai preenchido no seu registro, totalizando nesse ano mais de 5,5 milhões de adultos sem reconhecimento paterno. Além disso, 12 milhões de lares são mantidos apenas pelas mães e destas mais de 57% encontram-se abaixo da linha da pobreza (IBGE, 2019).

A maturidade precoce obriga Di Lixão a aprender viver sozinho nas ruas, enfrentado a violência e a criminalidade. Em sua condição de abandono, sem receber ajuda de ninguém o menino adocece e morre sem assistência médica. Agonizando no final da sua curta existência, seus últimos pensamentos são para a mãe e, encolhido em posição fetal, tem uma morte marcada pela falta de empatia das pessoas que passam por ele. Morreu sozinho, doente, com fome e com frio, como o personagem de Lumbiá, próximo conto a ser analisado. Não entrará nas estatísticas, pois nem nome tinha.

3.4 “LUMBIÁ”: O DEUS-MENINO

Neste conto, pode-se afirmar que o tema central é o trabalho infantil. Dentro dessa perspectiva, a personagem principal que tem o mesmo nome do título do conto, traz na sua trajetória de vida uma denúncia sobre a pobreza e a infância perdida, assim como sua irmã e um amigo, como o qual percorre as ruas da cidade vendendo amendoim e chicletes.

A narrativa se passa no centro da cidade na véspera do Natal, com as lembranças de Lumbiá do seu trabalho como vendedor de doces, para ajudar a mãe no sustento da família. O pai, como no conto “Di Lixão”, não se faz presente.

Lumbiá trocou rapidamente a lata de amendoim pela caixa de chicletes com a irmã Beba. Fazia um bom tempo que estava andando pra lá e pra cá, e não havia conseguido vender nada. Quem sabe teria mais sorte se oferecesse chicletes? E se não desse certo também, procuraria o colega Gunga. Juntos poderia vender flores (EVARISTO, 2015, p. 81).

No início do conto, percebe-se que as todas as crianças da narrativa estão na rua para vender mercadorias. Também não se pode identificar a idade delas. A

personagem Lumbiá demonstra conhecimentos de estratégias de vendas e cálculos e, com o amigo Gunga, também vendia flores. “Lumbiá gostava da florida mercadoria em seus braços. Tinha um estilo próprio de vender” (EVARISTO, 2015, p. 81).

A personagem de Lumbiá tem preferência pela venda de flores. Ao observar os casais, escolhia os momentos oportunos para abordá-los e obter lucro nas vendas.

O momento propício para empurrar o produto era quando o casal partia para o beijo na boca. Ele assistia as bocas descolarem para oferecer a flor. Às vezes o casal se desgarrava, mas na mesma hora, sem respirar, o par se fundia de novo. Lumbiá ficava por perto olhando de soslaio para a mulher. E quando notava que ela estava toda mole e o homem derretido, o menino se punha quase entre os dois, com a flor em riste, impondo a mercadoria (EVARISTO, 2015, p. 81-82).

Lumbiá utilizava-se de estratégias e artifícios para vender suas mercadorias e ganhar alguns trocados por esperteza ou por malícia.

Lumbiá tinha outros truques. Sabia chorar, quando queria. Escolhia uma mesa qualquer, sentava, abaixava a cabeça e se banhava em lágrimas. Sempre começava chorando por safadeza, mas em meio às lágrimas ensaiadas, o choro real, profundo, magoado se confundia. Nas histórias, que inventava nos momentos de choro para comover as pessoas, tinha sempre uma dissimulada verdade. Um dado real da vida dele ou do amigo Gunga se confundia com a invenção do menino (EVARISTO, p. 83, 2015).

Conforme afirma Alves e Castro (2019), as personagens das crianças podem parecer inocentes e inexperientes, mas são muito espertas. Conseguem driblar as adversidades das ruas, pois desde pequenas estão expostas à pobreza, ao preconceito, à violência sexual e urbana.

A narrativa ficcional de Conceição Evaristo coloca em evidência personagens vítimas de preconceito, principalmente negros, pobres e marginalizados. Quanto à cor da personagem, fica-se sabendo que é preta quando o narrador descreve a fascinação de Lumbiá pela única coisa que ele gostava no Natal:

[...] o presépio com a imagem de Deus-menino. Todos os anos, desde pequeno, em suas andanças pela cidade com a mãe e mais tarde sozinho, buscava de loja em loja, de igreja em igreja, a cena natalina. Gostava da família, da pobreza de todos, parecia a sua. Da imagem-mulher que era a mãe, da imagem-homem que era o pai. A casinha simples e a caminha de palha do Deus-menino, pobre, **só faltava ser negro como ele**. Lumbiá

ficava extasiado olhando o presépio, buscando e encontrando o Deus-menino (EVARISTO, 2015, p. 83-84, grifos nosso).

No conto verifica-se a desigualdade social, principalmente no contraste da pobreza com a riqueza das lojas no período de festas natalinas, muito presente na sociedade brasileira:

Lumbiá atento ouvia todos os comentários e aguardava a oportunidade de visitar a Belém instalada no interior da loja Casarão Iluminado. Havia, entretanto, um problema. Estava proibida a entrada de crianças sozinhas e para ele era quase impossível esperar pelo dia em que a mãe pudesse levá-lo, acompanhá-lo até lá. (EVARISTO, 2015, p. 84).

O menino aguardava com ansiedade o momento de entrar na loja para conhecer e admirar o presépio. Porém, não poderia entrar sem a companhia de um adulto. As crianças fizeram algumas tentativas frustradas. “Tinha feito várias tentativas de entrar no Casarão, o vigilante vinha e o enxotava” (EVARISTO, p. 85, 2015). Lumbiá não desiste, busca uma oportunidade de poder ver o presépio.

A pobreza de Lumbiá faz com que as dificuldades de acesso a espaços restritos a pessoas de condição financeira precária sejam retratadas no conto de maneira a acentuar as desigualdades sociais. A desconfiança do vigilante e a entrada proibida para crianças sozinhas instigam ainda mais a vontade do menino a buscar uma forma de burlar a segurança da loja.

O protagonista revela nas suas memórias o desejo de encontrar o Deus-menino, pois conscientemente se identifica com a família do presépio, mesmo estando num ambiente requintado com luzes e brilhos, numa realidade totalmente oposta à dele, morador da periferia. “Gostava da família, da pobreza de todos, parecia a sua” (EVARISTO, 2015, p.84).

O conto se passa na véspera do natal e o menino está à espera desde cedo na esperança de poder ver seu objeto de adoração. A narrativa reforça o distanciamento social ao descrever a trajetória do menino, do momento em que sai do subúrbio para o centro da cidade. Passa o dia na rua, provavelmente sem poder se alimentar direito.

Com flores nas mãos para dar ao Menino Jesus e ao Rei Mago Baltazar, negro, que se parecia com o tio de Lumbiá, a personagem fica à espreita esperando surgir uma oportunidade para conseguir entrar na loja. A narrativa também reforça que o menino também estava doente. “Fazia frio, muito frio, era um dia chuvoso.

Tinha a roupa colada sobre o frágil corpo a tremer de febre” (EVARISTO, 2015, p. 85). O menino passa o dia na rua vendendo suas mercadorias, a fome e o frio não são empecilhos para o esperto Lumbiá.

Assim, quando por um breve momento não havia vigilância nenhuma na porta, Lumbiá entrou apressado. Na manjedoura, o menino estava a sua espera de braços abertos, nu e com frio, como ele. Para Lumbiá, o Deus-menino precisa ser libertado. “Erê queria sair dali” (EVARISTO, 2015, p. 85). Tomando a imagem da criança em seus braços, chora e ri de felicidade, finalmente o Deus-menino era seu. Saiu da loja levando a imagem, mas não teve oportunidade de aproveitar do seu triunfo, o segurança tentou agarrar Lumbiá que assustado foi para a rua, sendo atropelado por um carro.

Lumbiá acaba morto de forma violenta nas ruas onde trabalhava. Em 2019 o IBGE demonstrou que cerca de 1,8 milhão de crianças encontravam-se em situação de trabalho infantil, totalizando 4,6% da população dessa faixa etária. Destes, 21,3% eram crianças entre 5 e 13 anos de idade e 706 mil indivíduos entre 5 e 17 anos de idade estão em trabalhos perigosos, como operação de máquinas, trabalho em pedreiras, construção civil, seleção e coleta de lixo e comércio ambulante. Entre as crianças e adolescentes em trabalho infantil, 66,1% eram pretos ou pardos (IBGE, 2019).

A morte de Lumbiá é o desfecho trágico para ilustrar diversos fatores que culminaram na infância interrompida da criança. Além da temática da exploração do trabalho infantil em primeiro plano, ainda se percebe a violência social e familiar, a desigualdade econômica e social. Percebe-se também a falta da mãe, que não está presente no momento trágico da morte do menino Lumbiá, evidenciando as condições precárias em que vivem as crianças pobres e negras da periferia obrigadas a deixar a escola para trabalhar nas ruas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição Evaristo é uma escritora com grande destaque na Literatura Afro-brasileira contemporânea, ou Literatura negra brasileira, conceitos esses que são temas de debates e discussões. Na sua narrativa ficcional há espaço para os que estão colocados à margem, neste caso específico a criança. É o olhar do próprio personagem para sua condição de marginalizado que denuncia sua vulnerabilidade e que enfatiza sua impotência ao ser ignorado na sua condição social.

Na literatura ficcional de Conceição Evaristo, a criança ocupa um importante papel, assim como as demais personagens criadas por ela, para dar voz e visibilidade a sujeitos até então considerados menos importantes. Zaíta, Di Lixão e Lumbiá representam a condição de milhões de crianças pobres e marginalizadas, numa sociedade excludente, onde os direitos são negados e levam muitas famílias a viverem em condições precárias e perigosas.

É preciso salientar a importância da construção das concepções históricas acerca da criança, desde a Idade média a modernidade, quando a criança passa de um fardo incômodo para um sujeito social e histórico dentro uma organização familiar que está inserida em uma sociedade. É a partir do século XX, com o avanço das ciências, em especial, das ciências jurídicas, pedagógicas e psicológicas que surge a necessidade de garantir os direitos das crianças.

Tendo em vista alguns conceitos abordados, também é relevante enfatizar que existe ainda, no tocante à criança e à infância no Brasil, a questão da criança negra, principalmente no contexto histórico brasileiro em que é possível perceber ainda hoje a questão do preconceito e da discriminação fazendo-se presente de forma explícita. Nesse contexto, a obra ficcional de Conceição Evaristo evidencia o descaso com a situação de vulnerabilidade social, na qual as personagens têm as formas da sua escrevivência.

Os contos aqui analisados mostram a realidade de muitas crianças brasileiras. São famílias que, devido às condições de pobreza, deixam a própria sorte suas crianças, num universo marcado pela desigualdade social, pelo abandono e pela violência doméstica e urbana. A abordagem da vulnerabilidade nos contos de Conceição Evaristo busca promover uma reflexão crítica sobre essa realidade social e denunciar por meio da literatura a falta de interesse em políticas públicas de

enfrentamento aos temas abordados neste trabalho, com ênfase no abandono, na violência urbana e no trabalho infantil.

A criança sempre esteve presente na Literatura com maior ou menor relevância nas personagens criadas para retratá-las. Na narrativa de Conceição Evaristo, a criança tem um papel fundamental, tanto nos contos abordados nesse trabalho, quanto no romance *Ponciá Vicencio* e em *Becos da memória*, nos quais ao papel da criança é fundamental para o registro das lutas dos movimentos sociais tão presentes no cotidiano da população e ainda assim tão esquecido por parte do poder público.

Dentre os contos analisados, “Di Lixão”, publicado nos *Cadernos Negros* em 1991, é o mais antigo. Passaram-se trinta anos e ainda é possível encontrar crianças na condição de indigentes, buscando a sobrevivência na mendicância. Lumbiá, o vendedor de chicletes e flores, ainda que em convivência familiar, precisa buscar o sustento. O trabalho infantil é retratado no Brasil desde o período escravocrata, quando os filhos dos escravos acompanhavam seus pais no trabalho. Zaíta, única protagonista feminina dos contos analisados, é vítima de bala perdida.

Nos contos aqui reportados e analisados, o desfecho trágico das personagens é o mesmo. A infância é interrompida precocemente. Zaíta, moradora da favela, tem entre seus brinquedos velhos, bonecas incompletas e chapinhas de garrafa, latinhas vazias caixas e palitos de fósforos usados, mas seu objeto de adoração é a figurinha que retrata uma garotinha carregando uma braçada de flores. Ela se desespera ao notar o sumiço da sua figurinha favorita. Sai perambulando pelos becos da favela durante uma briga de gangues rivais, na qual possivelmente o irmão faz parte e é surpreendida na troca de tiros por uma bala perdida.

Zaíta, uma criança, que, pela leitura do conto infere-se ser pobre por seus brinquedos serem provenientes de lixo, se identifica com a menina da figurinha, uma “figurinha-flor” e na busca do seu objeto de desejo, inocentemente não imagina o perigo que corre. A violência urbana nas periferias das grandes cidades brasileiras é tema recorrente jornais e nos noticiários. Balas perdidas quase sempre encontram inocentes, são muitas Zaítas anônimas que muitas vezes são somente números em estatísticas.

No conto “Di Lixão”, o personagem tem este apelido por viver na condição de morador de rua e chutar as lixeiras. Sua condição revela ao leitor o sujeito invisível. Di Lixão está totalmente esquecido pela sociedade, mora na rua e durante a breve

narrativa do conto o menino já está agonizando sob o quarto-marquise. Abandonado à própria sorte, sem família, sem teto e sem um nome, é somente mais um indivíduo sem qualquer importância. É através das memórias da personagem que o leitor conhece a solidão, a dor, a doença que culminam na sua morte.

No desfecho do conto, o personagem expressa o desejo de não morrer sozinho, suas últimas lembranças são para a mãe, um retorno inconsciente ao passado. Seu corpo foi encontrado pela manhã, sozinho, entre as latas de lixo e recolhido pelo rabeção da polícia. Di Lixão também representa muitos outros meninos e meninas de rua que vivem em situação de vulnerabilidade. Sua morte precoce revela toda a precariedade da condição dos meninos moradores de rua, sem atendimento médico, sem família e sem nome. É como se de fato nunca tivesse existido.

Em “Lumbiá”, o tema do conto é marcado pelo trabalho infantil. Lumbiá trabalha nas ruas com sua irmã Beba vendendo doces para ajudar no sustento da família. O menino possui um talento para elaborar histórias e promover as vendas. Esperto e inteligente o menino usava de emoções como truques para as vendas. O trabalho infantil no conto sugere a pobreza que leva as famílias a se utilizarem das crianças para o trabalho nas ruas, tolhendo assim sua infância.

Para o desfecho trágico desse personagem, Conceição Evaristo utiliza-se de uma escrita poética para descrever a fascinação do menino pelo advento do natal. É com o menino Jesus do presépio que Lumbiá se identifica. A família do menino Jesus se assemelha a sua, o Deus-menino, pobre, só faltava ser negro como ele. Depois de conseguir entrar numa grande loja para ver seu semelhante, o Deus-menino, Lumbiá acaba por pegar a imagem e ao sair perseguido pela segurança é atropelado por um carro.

É possível identificar que todos os contos trazem debates sobre crianças em condições de vulnerabilidade social. Zaíta, Di Lixão e Lumbiá têm em comum o fato de que nenhum deles teve uma infância como crianças, mas sim como se fossem adultos, cada qual enfrentando seu próprio destino. Não foram atendidos nos seus direitos considerados básicos pela legislação, tais como o direito à proteção à vida, saúde, dignidade, convivência familiar e, principalmente, educação e lazer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do S. P. de; BEZERRA, Simone M. Escrivência: Escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. **Revista Científica da Fasete**, 2019. Vol.1. P. 10-39. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/22/escrevivencia.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

ALVES, Cristiane de M.; CASTRO, José G. de O. A infância, as flores e o trabalho infantil: os entrelaços discursivos entre Conceição Evaristo e Olavo Bilac. *Anu. Literário*, 2019. Vol. 24, n. 2, P. 59-70. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article>. Acesso em 05 nov. 2020.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman, 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel G. O significado da infância. *In: Anais do Simpósio Nacional de Educação Infantil*. Brasília, DF, 1994. Anais...Brasília, DF: MEC, 1994. p. 88-92.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BRASIL, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário oficial (da) República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16/7/1990.

BROOKSHAW, David. **Raça & Cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CANDIDO, Antônio. **Leitura e Sociedade**. 9ª Edição. Outro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2006.

CAMPOS, Maria C.; DUARTE, Eduardo de A. Conceição Evaristo. *In: DUARTE, Eduardo de A. Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia crítica*. 2 v. (Consolidação). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 207-226.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. *In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das crianças no Brasil*. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 55 – 83.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrivência e silêncio. *In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs). Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 51-60.

DE MAUSE, Lloyd. The evolution of childhood. *The history of childhood*. New York: Madrid: Alianza Universidad, 1991.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2020.

DIONÍSIO, Dejair. **Ancestralidade Bantu na Literatura Afro-brasileira**: reflexos sobre o romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Volume 2: Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.) **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 22-29.

EVARISTO, Conceição. Da Grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.) **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p.16-21.

EVARISTO, Conceição. Di Lixão. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 77-80.

EVARISTO, Conceição. Lumbiá. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 81-86.

EVARISTO, Conceição. Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 71-76.

FERNADES, Heloísa Rodrigues. Infância e modernidade: doença do olhar. *In*: GHIRARDELLI Jr, Paulo (org). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da UFPR, 1997. p. 61-82

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020**. Ano 14, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf> . Acesso em: 21 ago. 2021.

GOMES, Heloisa T. Prefácio. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 9-11.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal>. Acesso em: 22 ago. 2021.

KRAMER, Sônia (Org.). **Infância e educação infantil**. Campinas: Papiрус, 1999.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LIMA, Omar da S. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4137> . Acesso em: 20 out. 2020.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 137-176

MENDES, Danielle Gomes. CORRÊA, Gabriel Vidinha. *Filho da rua: um olhar sobre o marginalizado no conto “Di Lixão”, de Conceição Evaristo*. Revista Interd. Em Cultura e Sociedade, São Luís, Vol. 6, n 1, P. 125-138, jan/jun.2020. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/13916>. Acesso em: 5 nov. 2020

PELOSO, Franciele Clara. **Infâncias do e no campo: um retrato dos estudos pedagógicos nacionais**. 2015. 223 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, 2015.

PEREIRA, Edimilson de A. Panorama da literatura afro-brasileira. In: **Callaloo**, vol. 18, nº 4, Literatura Afro-brasileira: um número especial (autumn, 1995), p. 1035-1040. Disponível em: www.jstor.org/stable/3298939. Acesso em: 20 out. 2020.

RIBEIRO, Renato Janine. O poder de infantilizar. In: GHIRARDELLI Jr, Paulo (org). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da UFPR, 1997. p. 101-110

SCARANO, Julita. Criança esquecida das Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 107–136.

SCHOLLHAMMER, Karl E. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SOUZA, Sephora S.; LOPES, Tarcília M.; SANTOS, Fabianne G. da S. **Infância negra: a apresentação da figura do negro no início da construção de sua identidade**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2007.

UNLIREC - Centro Regional das Nações Unidas para a Paz, Desarmamento e Desenvolvimento na América Latina e Caribe. **Balas Perdidas: Análises de Casos de Balas Perdidas Reportados nos meios de comunicação da América Latina e Caribe**. Nações Unidas, 2016. Disponível em: http://www.unlirec.screativa.com/wp-content/uploads/2018/04/Balas_Perdidas.pdf . Acesso em: 21 de ago. de 2021.